



Discursos de uma cidade em dúvida: tradicionalismo e Modernidade no Recife dos anos 1920

Luiz Vinícius Maciel Silva¹

Recebido em: 25/01/2019

Aprovado em: 28/02/2019

RESUMO

Buscou-se realizar uma análise das mudanças político-sociais que tiveram espaço no Recife do início do século XX, objetivando compreender como esse cenário de influência da *belle-époque* francesa e da mundialização comercial acarretou embates discursivos no cenário intelectual recifense. Para esse fim se utiliza leituras sobre modernidade no Recife do início do século, em especial, produções a partir da década de 1990 que permitem estabelecer uma visão ampla desse cenário a partir de diversos recortes. Percebendo assim a inquietação que viveu o Recife produzindo uma (re)ação frente a modernidade que chegava aos países da periferia do mundo capitalista e como todo esse processo sacudiu o cenário sociocultural recifense, sobretudo, nas elites intelectuais.

Palavras-chave: Recife. Modernidade. Tradicionalismo. Regionalismo. Discurso.

Discourses of a doubtful city: Traditionalism and Modernity in the 1920's Recife

ABSTRACT

Analysis of the social-political changes held in the early 20th century's Recife, willing to comprehend how these scenario of French *belle époque* and comercial globalisation influences created discourses clashes into the Recifian intelectual scenario. Based on texts about modernity in Recife of the early century, especially productions that came from the 90's and permits to stablish a greater vision of these scenary for diverse looks. In that way, it is observed a anxiety that Recife was imersed, producing a (re)action in front of the modernity that disembarked in the edge countries of the capitalist system and how theses process shook the Recifian socialcultural scenario, especially into the intelectual elites.

Keywords: Recife. Modernity. Traditionalism. Regionalism. Discourse.

¹ Licenciando em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), <http://lattes.cnpq.br/3777347669532357>, E-mail: viniciusmaciel@outlook.com.



1 INTRODUÇÃO

Um estudo sobre a cidade do Recife e a construção dos discursos que a envolvem se faz necessário pela necessidade de elucidar questões sobre as dinâmicas que construíram o imaginário socioespacial da cidade, ou seja, como o Recife se propõe ser visto e como é visto.

A cidade vive, na década de 1920, momentos de especial complexidade na sua história, período em que tradição e modernidade, velho e novo, lento e rápido, e muitas outras dicotomias vêm à tona expondo que as tensões que o mundo viveu na virada do século não tardaram em afligir, também, a capital pernambucana. Essa complexidade ganha vida com as alterações nos espaços físicos e nos hábitos sociais da cidade, assim como no campo intelectual, ou seja, como o discurso letrado vai pensar a cidade e reagir às mudanças.

Para compreender, ou elucidar, esse período histórico lança-se mão de produções, elaboradas, sobretudo, no contexto da produção historiográfica pernambucana sobre a década de 1920 e a modernidade no Recife. Principalmente os escritos da História Cultural impulsionados por Antônio Paulo Rezende na década de 1990 e que darão o estímulo necessário aos trabalhos que emergem nos anos 2000 em diante. Esse percurso da produção dos estudos históricos é referência chave para o presente trabalho, que dialoga com alguns dos autores que mais trataram sobre o tema nos últimos 20 anos.

Sem esquecer da necessidade de dialogar com produções do momento em fontes primárias oriundas da imprensa escrita, devido a sua relevância e poder de aglutinar os agentes da crítica cultural da época. Assim, destaca-se Gilberto Freyre como voz importante desse momento, tanto pelo seu protagonismo na cena intelectual como também pelas inferências que seus trabalhos posteriores nos permitem fazer em análises como essa.

Com isso, entende-se a capital pernambucana como um dos exemplos mais ricos no Brasil para compreender as complexidades dos discursos que envolvem seu espaço e a sua modernidade própria. Complexidades geradas pelos ajustes que esse apelo global por modernização sofre ao desembarcar nas docas do porto do Recife, iniciando um processo de diálogo intenso com a realidade local. Dentro das manifestações populares, da classe média consumidora e do campo intelectual, toda uma rede de sociabilidades que dão face a uma noção de cidade mais subjetiva, ou seja, que foge a materialidade física, mas que se relaciona com os discursos e às visões próprias de cada grupo e recorte social.



2 O RECIFE E SEU LUGAR NA MODERNIDADE QUE AQUI DESEMBARCA:

O mundo, na virada do século XIX ao XX, passava por um processo marcante de mudanças que protagonizava a velocidade da produção na indústria, as inovações tecnológicas, intercâmbios comerciais e rearranjos culturais. Processo, nesse caso, que não necessariamente simbolizava progresso, tema alvo de muito debates na época em questão.

O Brasil, destacando o Recife junto as outras capitais, não estava alheio a isso tudo. Os ideais de *fin-de-siècle*, da *belle époque* francesa chegavam aqui com tremenda força. No Rio de Janeiro, o prefeito Pereira Passos punha em prática os ideais de modernidade no urbanismo e no sanitário da cidade, uma inspiração no reformador parisiense Georges Haussmann, repleta de autoritarismo e intransigência. Como exemplo podemos citar os acontecimentos da Revolta da Vacina que estão intimamente ligados a todo esse processo, entendendo a insatisfação popular e reação aos avanços desses ideais de modernidade pertencentes a uma elite político-econômica. Sobre o tema, assim destaca Teixeira: “Simbolicamente, mais do que qualquer outra coisa, o urbanismo haussmanniano foi a (com)sagração dos valores burgueses”.²

No Recife, o representante do poder público que se apropria e põe em prática esses ideais modernizantes é Sérgio Loreto, que governou a cidade entre 1922 e 1926. O prefeito seguiu as tendências que a cidade já vinha flertando desde as vésperas da década de 1920, dando profundidade e intensidade a elas.

“(…) a preocupação marcante com a urbanização, higiene, saúde e instrução pública. O governo colocou como dever imperioso acompanhar os rumos do progresso, livrar-se do atraso que perseguia o País e aperfeiçoar os serviços públicos como métodos modernos de organização”.³

Rezende observa ainda como o governo de Loreto se utilizou da sua atuação sobre a cidade do Recife como mote propagandista: “O governo Sérgio Loreto se cercou de um esquema de propaganda para divulgar seus feitos, (...), com o progresso, dentro ‘do equilíbrio e da ordem’, princípio mágico para justificar o autoritarismo.”⁴

² TEIXEIRA, Flávio Weinstein. Civilizar, Embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX. In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da (org.). *Os anos 1920: histórias de um tempo*. Editora UFPE. Recife, 2012, p. 152.

³ REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. 2ª edição. Editora UFPE. Recife, 2016, p. 53.

⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *Op. cit.* p. 51.



O ideário de progresso ultrapassava a seara do poder político, pois se caracterizava como um fenômeno de mentalidades que estimulava mudanças em nome de uma tendência moderna e a metamorfose dos hábitos de vestir, de falar, de opinar, e, não menos importante, de consumir. Consumo que está intimamente ligado ao entretenimento enquanto mercadoria, a diversão como produto de valor mensurável, seguindo estéticas e formatos bem definidos. Sobre esse tema Sylvia Couceiro afirma:

“No Recife, os circuitos das consideradas “diversões modernas” passavam pelos cinemas, teatros, competições esportivas - sobretudo de futebol, turfe e remo -, as danças, festas nos clubes, exposições de pintura, concertos musicais, conferências e recitais de poesia, confeitarias, excursões e passeios ao ar livre, temporadas nas praias e banhos de mar, o footing pela Rua Nova, piqueniques, corridas de automóvel e motocicleta e parques de diversão, entre outros.”⁵

A mesma velocidade que ditava a ânsia por divertimentos era a que cadenciava os descarregamentos no porto do Recife reformado de 1910 a 1924⁶, e balizava as curvas dos automóveis pelas ruas da cidade, que se via cada dia mais apertada e imprópria para o trânsito dos *autos* alertando para a necessidade de se abrir largas avenidas. Uma região amplamente afetada por intervenções urbanísticas deste tipo foi o Bairro do Recife, com a derrubada da Matriz Corpo Santo para a abertura das radiais em direção a praça Rio Branco e a reorganização do bairro para atender as demandas do porto, com estruturação de armazéns, linhas férreas, entre outros recursos, como pontua Jaílson Pereira da Silva: “[O porto] Fora recentemente reformado, e os novos equipamentos instalados exibiam como marcas inconvenientes a sua modernização. A reforma do porto, na verdade, agregava-se a todo o Bairro do Recife”⁷

Gilberto Freyre, a partir da ampla divulgação que possuía de seus escritos na imprensa da cidade desde que ainda estudava no exterior, reagiu bastante às mudanças propostas no período, chamando atenção para as alterações de ordem espacial da cidade. Em seu livro *Nordeste*, Freyre chega a contestar o plantio de árvores não-nativas sobre os mangues do estuário do Capibaribe, por isso afirma que

⁵ COUCEIRO, Sylvia. Entre Festa, Passeios e Esportes: o Recife no circuito das diversões nos anos 1920. In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da (org.). *Op. cit.* p. 88.

⁶ ARRAES, Marcos Alexandre. Embates discursivos: a modernidade no Recife na primeira metade do século XX. Albuquerque: revista de História. v. 3, nº 5, jan/jun. Campo Grande, 2011, p. 119.

⁷ SILVA, Jaílson Pereira da. Velo(z)cidade: o Recife dos vinte e os delírios das invenções modernas. In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da (org.). *Op. cit.* p. 116.



“(…) [O] eucalipto se prestar tão gulosamente a nos secar os pântanos, ecologista nenhum se limita a ver aí a vantagem tão exaltada pelos higienistas dos subúrbios e pelos burocratas das prefeituras, (…) o eucalipto australiano viria a concorrer, com suas raízes tão exageradamente gulosas de água, para diminuir a própria umidade do nosso solo, (…)”⁸

Esse trecho nos demonstra como houve um esforço, nas vias da modernidade, de reinventar o Recife a partir, inclusive, da ecologia, através do plantio de espécies específicas, aterros de mangues, etc. A questão é que as plantas muitas vezes destinadas ao embelezamento ou sanitarismo não eram próprias ao ecossistema da cidade, surgindo problemas como o narrado por Freyre. O sociólogo também opinou sobre o momento da cidade em algumas de suas colunas dominicais do Diário de Pernambuco, assim como na coluna de número 53 na edição de 20/04/1924:

“‘parece que tenho vivido em dois paizes diferentes’, dizia Antonio Candido ao sr. Fidelino de Figueiredo, alludindo á grande revolução que operara a republica na paisagem social de sua pátria.

Os que ainda meninos conhecemos o Recife da Lingueta, do Arco de Santo Antonio, dos kiosques e das gamelleiras, vamos experimentando sensação igual quanto á paisagem physica. Parece que temos vivido em duas cidades diferentes.

É uma agustia para as creaturas sensiveis viver nessas epocas de aguda transição. Vêem-se afinal numa cidade que lhes parece estrangeira.

Resignemo-nos os que ainda nascemos no tempo da Lingueta, do Arco de Santo Antônio e dos cocheiros de cartola, á melancolia desse destino: o de acabarmos estrangeiro na própria cidade natal. (...)”⁹

Nessa coluna, Freyre esclarece como estava incomodado com as mudanças repentinas que a cidade vivia e como elas descaracterizavam o Recife da sua infância. Saudosismo, este, compartilhado por Manuel Bandeira que sentia falta, assim como Freyre, do Recife pitoresco do passado que naquele momento encontrava-se descaracterizado. Utilizando uma análise de Marcos Arraes do poema *Evocação do Recife*:

[...]

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

Que se chamava midubin e era torrado não era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma patacas

Foi a muito tempo...

[...]

⁸ FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7ª edição revisada. Global Editora. São Paulo, 2004, p. 85.

⁹ *Diário de Pernambuco*. 20 de abril de 1924.



A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa do meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
[...]

Em seguida Arraes considera:

Nesse poema, escrito em 1925, há o recurso à memória para narrar o Recife da infância de Bandeira, o Recife que desejava encontrar, mas sabia, através das notícias e impressões por cartas ou relatos de amigos conterrâneos que o iam visitar, que já estava mudado.”¹⁰

Com os já citados Freyre e Bandeira percebemos que a cena intelectual vinculada à cidade se inquietava com as mudanças que o Recife passava. Inquietação que reagia ao desordenamento do ideário de cidade que a capital pernambucana vivia. Além disso, não se percebe uma relação exclusiva com a cidade enquanto espaço físico, suas travessas ou avenidas, carroças ou automóveis, sobrados ou *chateaux* ecléticos; mas, sim, uma reação as mudanças do Recife enquanto ideia, enquanto espaço que abriga histórias que não são mais contadas da mesma maneira.

3 A CENA INTELECTUAL E AS RUGAS DO DISCURSO:

No campo do fazer intelectual¹¹ no Recife, espaço bastante elitizado, embates discursivos¹² tomam forma e protagonizam o debate sociocultural da época. Duas figuras representam o auge dessa disputa: Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa, representando, respectivamente, um regionalismo tradicionalista e o modernismo.

¹⁰ ARRAES, Marcos Alexandre. *Embates discursivos: a modernidade no Recife na primeira metade do século XX*. Albuquerque: revista de História. v. 3, nº 5, jan/jun. Campo Grande, 2011, p. 123 - 124

¹¹ Nesse âmbito defende-se o caráter polimorfo que o conceito de intelectual apresenta, sobretudo na historiografia social francesa ao longo do século XX. Estabelecendo-se entre um setor social que responde as estruturas de suas classes sociais de origem e/ou, por conta de sua posição enquanto intelectuais, transitam entre problemáticas de outros recortes sociais e operam sobre eles. Observações nesse sentido são observadas em SERINELLI, Jean-François. Os intelectuais. REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 242; e em KURZMAN, Charles e OWENS, Lynn. The Sociology of Intellectuals. In: *Annual Reviews of Sociology*, nº 28, 2002. O caso recifense, ao nosso ver, consegue demonstrar uma riqueza de exemplos que evidencia esse trânsito, em diversos suportes como imprensa escrita, literatura, etc.

¹² ARRAES, Marcos Alexandre. *Op. cit.*



Inojosa flerta com o modernismo quando vai ao sudeste do país e dialoga com a cena intelectual do Rio de Janeiro e São Paulo com muito entusiasmo, tornando-se uma espécie de embaixador do movimento no Recife. Sua atuação, na capital pernambucana, toma forma através de textos publicados no *Jornal de Commercio*, que, ao contrário do *Diário de Pernambuco*, abraçou a divulgação do ideário modernista.

É no ambiente da imprensa escrita que Inojosa lança suas primeiras ideias, depois de ler no *Diário de Pernambuco* uma crítica de Farias Neves Sobrinho a artistas e ao ideário modernista sudestino, põe-se a retrucar. Com isso

“O embaixador do modernismo em Recife, então, respondeu com um artigo intitulado *Que é Futurismo*, publicado no jornal *A Tarde*, ensaiando uma definição do futurismo, citando nomes dos modernistas do sudeste e defendendo as vanguardas criticadas no artigo de Neves Sobrinho. A partir daí, seriam frequentes os artigos de apresentação dos “novos” de São Paulo e suas vanguardas ao público recifense.”¹³

Freyre expunha suas reações de cunho tradicionalista e regionalista, sobretudo, em suas colunas de jornais. O jovem sociólogo já gozava de prestígio nos círculos intelectuais da cidade permitindo que tivesse sempre um canal aberto na imprensa escrita, especialmente do *Diário de Pernambuco*, para afirmar seus posicionamentos neste caso um desejo de revitalização das tradições e reação ao modernismo puro que desembarca no Recife.

O que chama atenção é como esse embate discursivo, inicialmente chamado de *futuristas* contra os *passadistas*, refletia embates políticos que fogem o pequeno espaço da intelectualidade recifense e ganha inquietações que se relacionam com o local do Recife enquanto cidade nordestina dentro das dinâmicas nacionais, uma espécie de luta por autoestima e espaço nos movimentos político-econômicos do Brasil como um todo. Como alertam Arraes e Mariana Chaguri:

“[O tradicionalismo], ele toma corpo no início do século XX com a emergência da modernidade em todo o Brasil e que se reveste de nova roupagem no Recife. É no bojo dessa formação da subjetividade capitalística no Brasil (...) que emergiram os dizeres constitutivos das regiões e suas especificidades. O Nordeste começou a ser dito e visto, sendo reconhecido como uma região de fortes laços arcaicos e atrasados, o que passou a fazer parte também dos discursos dos próprios “nordestinos”.¹⁴

“Os regionalistas (...) acusavam o governo federal de interferência indevida em Pernambuco, defendendo política, cultural e artisticamente aquilo que, para eles,

¹³ ARRAES, Marcos Alexandre. *Op. cit.*

¹⁴ ARRAES, Marcos Alexandre. *Op. cit.*



definia-se como região e, por meio dela, a superação do frágil esquema das diversas unidades estaduais.

Tais discussões revelam aspectos significativos dos conflitos locais pelo poder político no estado (...). O choque entre futuristas e regionalistas reflete também as disputas entre os grupos oligárquicos que aspiravam ao comando político da região”.¹⁵

Entendendo o modernismo de Inojosa, nesse primeiro momento, quase como uma representação diplomática do modernismo sudestino no Recife, torna-se necessário analisar o regionalismo que aqui surge e seus caracteres próprios.

A reação dos regionalistas, como já abordada, possui um teor de (re)afirmação de um ideário nordestino¹⁶, o que chama atenção nesse caso é como Pernambuco parece aglutinar uma noção de Nordeste enquanto região. Ou seja, revela-se uma contradição diante do esforço de regionalizar o debate, porém resumindo um nordeste múltiplo e diverso a uma área que é o Pernambuco litorâneo e canavieiro alvo de reflexões de José Lins do Rego e Gilberto Freyre.

“[Lins do Rego] argumenta que um dos principais objetivos do regionalismo nordestino era transformar o chão do Nordeste: de Pernambuco, num pedaço de mundo. Era expandir-se ao invés de restringir-se. Por esse modo o Nordeste absorvia o movimento moderno no que ele tinha de mais sério. Queríamos ser do Brasil sendo cada vez mais da Paraíba, do Recife, de Alagoas, do Ceará (REGO, 1957).”¹⁷

Em *Nordeste*, de 1937, volta a aparecer um ideário ligado a zona canavieira, e indo além, destacando claramente os canaviais de Pernambuco e do Recôncavo da Bahia. Assim destaca Manuel Correia de Andrade na apresentação da edição de 2004:

“O próprio Gilberto, no seu livro sobre a região, não procurou delimitar de forma bem objetiva onde o Nordeste começava e onde ele terminava. Ele observou o Nordeste a partir de Pernambuco, como se entendesse que o ponto central do mesmo fosse a cidade de Recife, e que daí partiam, em várias direções,

¹⁵ CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *O Recife dos Anos 20: Regionalismo, Modernismo e José Lins do Rego*. 32º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2008.

¹⁶ Esforço feito pelo movimento regionalista na década de vinte, iniciado no Congresso Regionalista de 1926, como abordado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *A Invenção do Nordeste*. O autor evidencia como houve uma intenção de instituir uma origem para a região, buscando no passado um “conjunto de indícios que já denunciavam sua existência ou a prenunciavam” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 89). Durval indica que esse esforço foi operado “pela emergência da formação discursiva nacional-popular” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 101), ou seja, uma construção identitária que leve em considerações especificidades nordestinas resgatadas pelo movimento regionalista.

¹⁷ CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Op. cit.*



as características regionais que iam se diluindo à proporção que se caminhava deste centro – Recife e região açucareira – nas mais diversas direções.”¹⁸

Outra dimensão, de importância elevada para o Regionalismo que floresce no período, é a questão estética *versus* temática. O tema das produções, o teor em que elas serão escritas e as bandeiras que irão defender já estão bem delineados: uma afirmação de um tradicionalismo nordestino frente a um modernismo, teoricamente, nocivo e desagregador das tradições. Porém, não houve grande purismo em relação a estética das produções, ou seja, as inovações do fazer artístico que o modernismo propôs dialogaram, sim, com o regionalismo pernambucano sem, é claro, alterar suas temáticas tradicionalistas e regionais.

Sobre essa dinâmica Chaguri reflete com base numa análise específica sobre José Lins do Rego, e afirma que

“(…) pode-se argumentar que o regionalismo nordestino possui como **projeto estético** (…)

Revela-se, assim, certo dinamismo do Regionalismo nordestino, isto é, ao recuperar o passado da região, os regionalistas buscam conferir inteligibilidade para o presente, atualizando, portanto, esse mesmo passado.”¹⁹

Portanto, vem à tona a ambiguidade que Gilberto Freyre representava nesse momento. Propunha de maneira muito atuante um regionalismo que regatasse tradições, que as não deixassem morrer, porém dialoga com o modernismo no seu ponto de vista estético, concedendo influências onde julgava necessário. Com isso, afirma Rezende:

“A defesa das tradições fez, realmente, de Freyre um intelectual com certa singularidade. Ele não atacava a modernidade em todas as suas dimensões. Simpatizava com as renovações acontecidas na produção cultural, com manifestações das vanguardas artísticas europeias. A questão fundamental era saber como absorver essas renovações sem afetar a originalidade da cultura brasileira, na sua mistura que ele tanto dizia admirar.”²⁰

4 CONCLUSÃO

O que o Recife deste momento nos revela, após escavar um pouco dos seus segredos e à luz de outras abordagens historiográficas, é que era uma cidade em fervor, não cabendo convulsão pelo teor enfermo da palavra. O Recife não se via desvalido, mas sim, incomodado, inquieto com os corpos (naquele momento) estranhos que o deixavam febril,

¹⁸ ANDRADE, Manuel Correia. Apresentação da 7ª edição. In: FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7ª edição revisada. Global Editora. São Paulo, 2004.

¹⁹ CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Op. cit.*

²⁰ REZENDE, Antônio Paulo. *Op. cit.* p. 205



mas a cidade deu ao mundo, com seu jeito próprio, o resultado dessa modernidade que insistiu em ficar.

A capital pernambucana se viu tão conectada com a novidade que esteve, ao mesmo tempo, desconectada de si mesma, e mostrou através da fala de seus partícipes que estava incerta do seu futuro e incerta, também, de seu passado. Como observa Rezende: “Um tempo que se autodevora velozmente, esvazia referências históricas ou as torna, aparentemente, inúteis”²¹

O campo intelectual que disputava atordoadamente as rédeas do destino da cidade, retomava, mas negava o passado, adiantava e recusava o futuro. Dinâmica que só reforçava o Recife como ponto de inflexão de dúvidas, convergência de contradições. Cenário que só desata os nós dos discursos quando a modernidade, não a original, mas sim a modernidade constituída no Recife e fruto dessas dinâmicas de oposição de ideias, guia um Recife mais populoso, automobilístico, fanático pelo *football*, que de tão popular já não depende das nomenclaturas bretãs, e, sobretudo, participante de uma lógica nacional de inserção do capital industrial e desagregação das antigas sociabilidades provincianas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

ARRAES, Marcos Alexandre. *Embates discursivos: a modernidade no Recife na primeira metade do século XX*. **Revista de História**. Campo Grande v. 3, nº 5, jan/jun, 2011.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *O Recife dos Anos 20: Regionalismo, Modernismo e José Lins do Rego*. **Anais do 32º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu, 2008.

COUCEIRO, Sylvia. *Entre festa, passeios e esportes: o Recife no circuito das diversões nos anos 1920*. In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da. (org.). **Os anos 1920: histórias de um tempo**. Editora UFPE. Recife, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Coluna nº 53 - Diário de Pernambuco, Domingo, 20 de abril de 1924*. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&PagFis=11589&Pesq=gilberto%20freyre. Acesso em: 31 de outubro de 2018.

²¹ REZENDE, Antônio Paulo. *Op. cit. p. 165*



_____. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.** 7ª edição revisada. São Paulo: Global Editora, 2004.

KURZMAN, Charles e OWENS, Lynn. The Sociology of Intellectuals. In: *Annual Reviews of Sociology*, nº 28, 2002.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte.** 2ª edição. Editora UFPE. Recife, 2016.

_____. *O Recife, os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo.* In: **Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano.** nº 59, janeiro. Recife, 2002.

SERINELLI, Jean-François. *Os intelectuais.* REMOND, René (org.). **Por uma história política.** 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 242.

SILVA, Jaílson Pereira da. *Velo(z)cidade: o Recife dos anos vinte e os delírios das invenções modernas.* In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da (org.). **Os anos 1920: histórias de um tempo.** Editora UFPE. Recife, 2012.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX.* In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira da (org.). **Os anos 1920: histórias de um tempo.** Editora UFPE. Recife, 2012.